

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sanguinatio Patriae: O luto e a esperança
nas narrativas de viagem sobre a imigração italiana

Luís Fernando Beneduzi*

RESUMO

As diferentes vozes que narram o fenômeno imigratório italiano de finais do século XIX falam da dimensão da morte – de uma experiência de luto e esperança que se entrecruzam no processo de travessia do Atlântico. A figura emblemática do dessangramento perpassa tanto o relato de imigrantes, perpetuado em seus diários, quanto aquele de Edmondo De Amicis, que retrata em sua obra a experiência de expatriação, mostrando o processo de perda que a imigração comporta. Para o imigrante, a partida transforma-se em uma experiência de morte pessoal, na expropriação de uma realidade tangível e de um mundo afetivo e mnemônico. Para o romancista, mesmo narrando as vivências pessoais e o luto individual em suas obras, está-se diante da nação que sangra. No entanto, esse mergulho melancólico é bloqueado pela esperança do encontro com o paraíso e da sublimação que se produz a partir da memória.

PALAVRAS-CHAVE: História e Literatura, Sensibilidade, Imigração Italiana

ABSTRACT

The different voices that narrate the phenomenon of Italian immigration at the ends of the XIX century talk about the dimension of death – the experience of mourning and hope that intertwined in the process of the Atlantic crossing. The emblematic figure of the blood is present in the immigrants report, made eternal in their diaries, and in the written word of Edmondo De Amicis, who photographs the expatriation experience, and shows the process of loss that immigration holds. For the immigrants, the departure becomes an experience of personal death, in the expropriation of a tangible reality and of an affectionate and mnemonic world. For the novelist, in narrating the personal encounters and the individual mourning, we are presented with the bleeding nation. However, this melancholic immersion is blockaded by the hope of meeting paradise and of the sublimation that is produced by the memory.

KEY WORDS: History and Literature, Sensibility, Italian Immigration

A imagem de um dessangramento – ou um *sanguinatio* – está presente em muitas das narrativas sobre a imigração de massa de finais do século XIX, nas suas mais diversas variações. Em diferentes romances, relatos de viagem e diários, a percepção metafórica do sangue a escorrer confere um valor a esse movimento sangüíneo, identificando uma

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, Università degli Studi di Bologna.

determinada percepção sobre o fluxo humano. Esse sangramento traz consigo tanto uma idéia de sucção – o sangue que é retirado do organismo por um processo mecânico, participando de um ato purgativo e regenerador – quanto aquela de um derramamento espontâneo, mesmo que abundante, do sangue que verte dos vasos sangüíneos, aludindo, então, a uma partida em massa, fruto de um processo interno de expulsão.

No que se refere à dinâmica específica da imigração italiana na América Latina, pode-se destacar – dentre diferentes vozes – a fala de Edmondo De Amicis¹ em duas de suas obras mais importantes, as quais se dedicam ao processo de expatriação na Península Itálica. O olhar de De Amicis destaca, acima de tudo, o retrato de um sangramento nacional – ou um *sanguinatio patriae*, ressaltando-o enquanto densa corrente que verte das artérias da nação, dessa miséria errante da pátria. Sua narrativa, tanto em *Cuore* (1886) quanto em *Sull'Oceano* (1889) desenha o quadro de uma jovem nação em formação – Itália – que necessita de um árduo trabalho de soerguimento e convive com a miséria e a dor da pobreza. Nesse sentido, a emigração representa uma sangria nacional que deve ser estancada, pois mostra esses filhos da mãe-pátria que vivem sem terra e sem pão. Na obra *Cuore*, a qual se constituiu em um lugar de memória da Itália Unificada, é particularmente importante esse sentimento de pertença ao território peninsular, De Amicis busca dar a conhecer, através das aventuras e desventuras de Enrico, o que corre “nas veias da Itália”, mas também o que escorre através da emigração (FAETI, 1997).

Enquanto De Amicis fala sobre “a pátria no navio” – expressão utilizada por Giorgio Bertone na última edição de *Sull'Oceano*, a qual ele organizou – os diários produzidos pelos próprios emigrantes narram um outro dessangramento, o qual é marcado pelo progressivo esvaziar-se de uma vida, por um “eu” que, agonizando, permanece em fragmentos mnemônicos (BERTONE, 2005). Não é mais a experiência coletiva o elemento a ser destacado, mas as vivências pessoais e – mais especificamente – as perdas individuais. Mesmo sendo presente uma idéia de *sanguinatio patriae*, esse adquire uma conotação diferente, pois se refere a um microcosmo marcado pelas relações quotidianas do lugar de nascimento. A pátria narrada pelo emigrante não se constitui no mesmo espaço geográfico entendido pelo escritor-jornalista: ela não é circunscrita à Península Itálica e à sua miríade dialetal, mas a um determinado conjunto de experiências vividas entre vizinho e amigos no interior do pequeno burgo.

¹ Edmondo De Amicis, conhecido escritor e jornalista italiano da segunda metade do século XIX, nasceu em Oneglia, em 1846 e morreu em Bordighera, em 1908. É conhecido especialmente por ter escrito *Cuore*, obra clássica da literatura italiana, mesmo se muito criticada, foi utilizada como leitura obrigatória, principalmente no período imediato à Unificação Italiana.

Essa figura emblemática de um “dessarar” – de uma morte anunciada – perpassa tanto o relato dos imigrantes, perpetuado em seus diários de viagem, quanto aquele de Edmondo De Amicis – jornalista e romancista – que retrata essa experiência de expatriação de seus co-nacionais. Nessas duas narrativas, percebe-se nitidamente o processo de perda que a emigração comporta: o luto, o desmoronamento de uma percepção de mundo. Para o imigrante, a partida transforma-se em uma experiência de morte pessoal, a expropriação de uma realidade tangível, mas também, e particularmente, de um mundo afetivo e mnemônico. Para o romancista, mesmo narrando as vivências pessoais e o luto individual em suas duas obras, está-se diante da denúncia de um luto nacional, de um fluir hemorrágico que está produzindo a anemia da nação.

A denúncia que De Amicis traz em suas obras de finais do século XIX produz um retrato do Reino de Itália, no qual a emigração se constitui em solução última e desesperada de sobrevivência. O autor-narrador, em *Sull'Oceano*, fala de uma Itália que se buscava deixar para trás, de uma situação insustentável de exploração e depauperamento, configurando aquela pátria que se odiava e da qual se fugia. O processo de viagem também é para De Amicis um momento de contato com essa miséria e funciona como um espaço/momento de revelação de um ressentimento:

Eu não tinha pensado sobre o estado de ânimo no qual era natural que se encontrassem muitas daquelas pessoas, enquanto ainda tumultuava nelas as memórias da vida intolerável, pela qual tinham decidido deixar a pátria, e aceso todavia o ressentimento contra aquela variada legião de proprietários, cobradores de impostos, agentes [...] designados todos com o nome genérico de signori, e cridos todos conjurados para seu prejuízo, e autores primeiros da sua miséria (DE AMICIS, 1925: 83).

A temática da emigração na obra de De Amicis faz parte de um momento de gestação da grande virada na produção intelectual do autor, a qual será marcada pela sua adesão ao Partido Socialista Italiano. A sua produção, dedicada às classes subalternas, vincula-se ao fenômeno imigratório na medida em que narra as condições que obrigaram esses homens e mulheres em solidão a abandonarem suas localidades. Se o De Amicis de *Sull'Oceano* culpa-se – junto a um grupo por ele denominado “nós”, porque não se os amou o suficiente, porque não se trabalhou o suficiente para o seu bem – aquele de *Speranze e Glorie e Lotte Civili* procura discutir o processo social, o socialismo e a paz dos povos, tendo um profundo vínculo com a ação social. Essa análise do fenômeno sócio-político, particularmente marcado pela emigração, será uma característica notada por Gramsci, a qual o

diferencia dos escritores italianos do período. Fazendo uma crítica a literatura italiana, o autor fala explicitamente nessa omissão dos escritores diante do sangue versado:

que os literatos não se ocupem do emigrado no exterior deveria causar menor surpresa que o fato de não se preocuparem com ele antes de emigrar, das condições que o obrigaram a emigrar [...], que não se ocupem, isto é, das lágrimas e do sangue que na Itália, antes mesmo que no exterior, significou a emigração de massa (GRAMSCI, 1953:91)

Essa imagem de uma sangria nacional mostra-se reforçada quando o olhar Deamiciano se coloca sobre os rostos dos emigrantes – destacando que esses, embora trouxessem em si marcas da dor, traziam proveniências diversas não somente quanto à província de origem, mas também por lugares sociais diferentes. Marcando os diversos tipos sociais que percorriam o navio, Edmondo dá a conhecer a corista, que viajava sozinha e, com suas atitudes, despertava a ira e o ciúme das senhoras casadas; pessoas com algum padrão que se viram constringidas a emigrar devido a uma desventura; mulheres destruídas pela vida; e outras que mantinham feições angelicais. Enfim, faz perceber que o contexto geral da emigração é formado por um grande mosaico de particularidades, vindo à tona as mais diversas situações vinculadas ao porquê da partida para a América. Para o autor, *Galileo* – o navio que conduz esses emigrantes de *Sull'Oceano* à Argentina – leva a bordo tristeza e miséria de toda a Itália, por isso a embarcação se constitui em um microcosmo da nação que está nascendo.

A viagem pode ser compreendida como parte do trauma² da emigração, muito embora apresente também formas que são construídas para com ele lidar. A partida apresenta o ponto objetivo de ruptura, pois se está efetivamente deixando a Itália; entretanto, serão o trânsito e a chegada que produzirão a tomada de consciência desse movimento subjetivo. Esse choque emocional acontecerá no pós-partida, tanto podendo acontecer no momento da travessia quanto naquele da chegada física. Porém, essa emoção violenta pode ser percebida, muitas vezes, apenas muito tempo após o desembarque, pois está vinculada a processos psíquicos de leitura do real. Assim, a experiência do trauma pode ser sentida em momentos diferentes da saga da emigração. O próprio De Amicis permite essa percepção em sua narrativa, construindo duas imagens de um chorar vinculado à dor do não-retorno: as

² O *Dizionario Garzanti della Lingua Italiana* apresenta como uma acepção do vocábulo “trauma”: uma emoção violenta não dominada pela personalidade do sujeito. De outra maneira, o Dicionário Eletrônico Houais da Língua Portuguesa conceitua o mesmo vocábulo como “choque emotivo que modifica a personalidade do sujeito”. Destaca-o, ainda, como “acontecimento na vida de um indivíduo que, devido a sua intensidade, impede uma reação adequada, produzindo transtornos no psiquismo”.

diferentes pessoas que respondem com sinais de dor à voz que informa que se está partindo, e a senhora que rompe em choro quando vislumbra a nova terra.

Uma leitura da experiência da emigração como um espaço/tempo de trauma, luto e esperança pode ser percebida, ainda, nos relatos presentes nos diários dos imigrantes. Nesse universo narrativo, o diário de Luigi Toniuzzi fornece quadro muito expressivo do momento da partida, desse momento no qual se deixava para trás todas as coisas da mocidade, todas as recordações, todos os amigos. Muito embora o diário tenha sido corrigido ao longo do tempo, sendo transformado com a entrada de alguns elementos novos e a subtração de outros – como informa De Boni – ele permite uma leitura sensível do momento do “adeus” e das primeiras reações diante da viagem (DE BONI, 1977).

Segundo De Boni, os escritos de Toniuzzi em *Mio viaggio in America* expressam essa difícil decisão da partida, mostrando a incerteza e a confusão que a circundam:

relata bem a situação do imigrante ao deixar a pátria, tomado naquele momento pelos sentimentos mais contraditórios: chora os familiares que abandona no velho mundo, mas sonha com uma vida diferente no outro lado do mar; ama sua terra, mas sabe que ela não o pode mais sustentar; recorda o paese que cada vez fica mais longe, mas sabe que nele não havia mais lugar para sua família (DE BONI, 1977: 09).

O emigrante que parte experiencia a dor do exílio, pois sua partida, mesmo movida pelo sonho, evoca o sentido da necessidade, projetando-se à busca de um lugar onde consiga satisfazer suas necessidades. Enquanto figura do exilado, algumas vezes por questões políticas, mas na grande maioria por problemas sócioeconômicos, o emigrante aspira a uma possibilidade de ascensão, a qual não enxerga possível no seu velho *paese*. Nesse ato de partir, um misto de sensações o envolve, pois, a um só tempo, domina-o a dor antecipada do não-retorno e a esperança de uma nova vida, construída enquanto representação dessa terra prometida que deve estar para além do oceano. O que fica é a consciência de um eu em mudança, no qual se vai arraigando a tristeza de ter mudado.

Muito embora exista um discurso sobre a emigração que associa uma dimensão de transitoriedade a esse indivíduo que se desloca para um outro lugar, os relatos de que se tem conhecimento demonstram uma percepção muito mais definitiva do processo de abandono do lugar de nascimento. Muitos, como Luigi Toniuzzi, associam a saída de seu vilarejo natalício à experiência do homem que se dirige para a morte, fruto de uma condenação injusta:

Foi precisamente na Sexta-feira Santa do ano de 1893, ao meio-dia em ponto: deixava meu vilarejo natal e sentia o coração confranger-se de dor ao abandonar minha pátria. Semelhante deve ser o sentimento de um inocente condenado à morte (TONIAZZO, 1977: 11).

Certamente a figura do condenado à morte não inspira o transitório, mesmo se pensarmos a dimensão da fé cristã, pois a passagem para a outra vida é sempre definitiva. Nesse sentido, existia uma percepção da partida como algo sem volta: não há cura para a perda do que se foi, não só porque o tempo é irreversível mas também porque modifica-se o ser que viveu esse tempo. Chega-se, aqui, a um estado ermo, que se aproxima da própria contingência do ser diante de sua mais irreversível limitação: a morte.

A idéia da morte permite uma associação emblemática com o dia em que se partiu. Para além disso, esse fim inevitável conjuga-se a uma analogia com a partida bíblica por excelência: Sexta-feira Santa – dia da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, dia de tristeza no mundo cristão – em tempos passados, um dia de luto nas famílias católicas. Na verdade, uma análise da data enquanto simbologia do processo emigratório deve levar em conta duas perspectivas: uma entende a sexta-feira como morte, destruição; outra, vislumbrada *a posteriori*, pode associá-la à ressurreição que se dará no domingo de Páscoa. De qualquer forma, em ambas faz-se a experiência sensível do luto, da perda, sendo que as únicas lembranças – desse mundo a esvaír-se – estarão confinadas como restos nas malas de viagem. Conserva-se, então, a memória de um passado que poderá ser evocado pela reminiscência – a partir da liberação mágica do objeto que a preserva.

Imageticamente, a partida narrada por Toniazzo pode ser comparada ao trajeto da *via sacra*, pois o caminho até o porto de Gênova foi composto de muitas paradas dolorosas, marcadas pela despedida dos parentes e amigos. A concepção de fim é recorrente no texto, marcado pela narrativa do “adeus”, não do “até logo”, nem do “até um dia”, mas do definitivo “saudando, pela última vez”. Assim, o texto constrói uma sensação de tristeza anunciada, ou seja, o desencanto não se inicia quando da chegada, tendo como referências as dificuldades encontradas, mas tem seu primeiro golpe na dinâmica da despedida. Aquele mundo sólido das tradições, das vozes conhecidas, das palavras e da cadência familiar do dialeto, das imagens que construíam um nexos com particularidades da existência, tudo isso parecia progressivamente esvanecer-se, o novo e o efêmero passavam a nortear o presente, criando uma continuada releitura idealizada do passado.

A fala é preenchida com adjetivos que enfatizam a dor do momento de partida, acentuando essa decepção do abandono da pátria – não da Itália – mas desse lugar de nascimento, ao qual se associam amigos, parentes, tradição, modos de falar, emoções, imagens arquitetônicas, iconografia, enfim, a síntese do mundo construído no interior do

paese:

Após inúmeros beijos, apertos de mão, prantos e suspiros, devia seguir a pé, junto com meu amigo de viagem, Lorenzo Sperotto, até Maróstica, saudando, pela última vez, todos os amigos que encontrávamos. Minha cabeça estava cheia de tantas coisas que acabei esquecendo, por duas vezes, o capote tão bom para viagem. [...] Com pouca vontade, como podeis imaginar, passamos as horas seguintes (TONIAZZO, 1977: 11).

O emigrante, desde que a partida entra em seu horizonte de perspectivas, dá início a sua permanência na hospedaria *Au temps perdu*, citada por Walter Benjamin como uma casa de hospedagem existente em Grenoble, no século XIX. Ao cruzar as portas, o hóspede passava a experimentar um fluxo de tempo fragmentário e entrecruzado:

Como Proust, também nós somos hóspedes que, sob a insígnia vacilante, cruzamos uma soleira além da qual a eternidade e a embriaguez estão à nossa espera. [...] A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado (BENJAMIN, 1994: 45).

Assim, Toniazzo e Sperotto seguiram a sua longa viagem, tal como Daniel Abrahão e sua família que partiram de Salzwedel – na obra de Josué Guimarães – empreendendo uma viagem para o desconhecido, para a solidão do constante estranhamento. Mesmo diante do encantamento experimentado diante do *duomo* de Milão, ou ao interno da galeria Vittorio Emmanuele, o imigrante os recorda com o tom da nostalgia – ou a partir da leitura daquele que já tangencia algumas ferramentas da língua portuguesa – recorda-se com “saudade” daquelas belezas. Dessa forma, o encantamento vivenciado na viagem torna-se um referencial de reencontro com o “tempo perdido”, um olhar nostálgico que procura enredar-se ao fio da rememoração, tentando construir uma remontagem saudosa do real acontecido.

A nostalgia não é uma escolha do imigrante, não é uma sua decisão o não esquecer: ao contrário, a nostalgia é sua grande inimiga, uma presença que pode criar um efeito imobilizante. Se em muitos momentos esse ato de recordar funciona como um doce refrigerio a embalar-lhe a infância, no momento em que se parte, essas lembranças laceram a alma, produzindo a dor daquele que sabe não mais estar próximo às coisas queridas. Para o imigrante, restam a dor e o pranto, a tentativa de esquecer o objeto perdido, principalmente porque esse condiciona-o à dor do exílio – mas, ao fim, rende-se à ternura do sentimento filial e projeta um reencontro para a vida na eternidade, no *al di là* da vida que virá:

La depois repousar e, pensando em tantas coisas, sentia-me afogado em pranto e chorei por mais de uma noite [...]. Pobre Vallonara, pensando bem como vais, deveria sentir-me pouco triste por haver-te abandonado, mas, batendo no peito desgraçadamente um coração sensível, não posso esquecer-te. Por isso, beijo-te e sei que nos encontraremos no vale de Josafá (TONIAZZO, 1977: 21).

Esse fragmento do diário de Toniazzo remete a dois movimentos que transcorrem na mente do migrante, uma espécie de embate entre a razão e o sentimento, ou melhor, entre a necessidade de distanciar-se e aproximar-se do objeto que se está perdendo. Por uma parte, seria lógico alegrar-se, porque se estava rumando para um “mundo sem males”, como narra o mito da terra da *cucagna*, após ter sido exilado ao interno da própria comunidade, como a experimentar esse dever de ir inocentemente ao cadafalso. Entretanto, por outro lado, não se pode esquecer – por vínculos afetivos maiores – essa experiência atemporal das relações ao interior do *paese*, pois, como diz o autor, tem-se “um coração sensível”. Será nessa dinâmica sensível de releitura da epopéia particular e coletiva do fenômeno migratório que se construirá na memória sobre a imigração tanto os discursos de uma Itália da miséria, que obrigava seus filhos a partirem, quanto sua percepção como a experiência doce das recordações da quotidianidade. Elabora-se um embate interior entre duas lógicas de leitura acerca da terra de partida.

Nos dois níveis de narrativa – o romance e o diário de viagem – a trajetória da imigração é marcada por uma duplicidade de sentimentos: o luto e a esperança. Esse deslocamento humano produziu um doloroso sangradouro, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, levando a um processo de luto pela perda de espaços evocativos de recordações e sensações vinculadas a um conjunto de relações e sensibilidades. Ao mesmo tempo, a expatriação é animada pela esperança de uma melhora de vida, de fugir de uma condição social que produziu a própria necessidade da partida. O continente americano metaforicamente assemelha-se a uma alegoria Benjaminiana, pois, mesmo representando a vitória e a possibilidade de reconstrução, constitui-se em sinal de perda, do passado tangível que não existe mais. A nova situação que se recria no novo mundo acaba trazendo consigo a desditosa experiência da perda, da ausência irremediável do objeto de desejo – do mundo que se deixa para trás. Tal experiência constitui-se, quem sabe, em um sentimento sem saída, apenas mitigado pela contemplação do bem recordado, mas onde nem a esperança nem o desejo anulam totalmente a consciência de perda definitiva.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTONE, Giorgio (org.). **Sull'Oceano de Edmondo De Amicis.** Reggio Emilia: Diabasis, 2005.

DE AMICIS, Edmondo. **Sull'Oceano.** Milano: Fratelli Treves, 1925.

DE BONI, Luís Alberto. **La Mérica.** Escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: EST, 1977.

FAETI, Antonio. *Cuore.* In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria.** Roma: Laterza, 1997. p. 103-113.

GRAMSCI, Antonio. *Carattere non nazionale-popolare della letteratura italiana.* **Letteratura e Vita Nazionale.** Torino, 1953.

TONIAZZO, Luigi. **Minha viagem à América.** In: DE BONI, Luis Alberto. **La Mérica.** Escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: EST, 1977.